

**DICIONÁRIOS DE LIBRAS: DESAFIOS NA PRODUÇÃO DESTES  
DICIONÁRIOS COMO INSTRUMENTO PARA A PROMOÇÃO DESSE  
ENSINO**

**LIBRAS AS A SECOND LANGUAGE (L2): CHALLENGES IN THE  
PRODUCTION OF DICTIONARIES IN LIBRAS AS AN INSTRUMENT TO  
THE PROMOTION OF ITS TEACHING**

Andrea Guimarães de Carvalho<sup>1</sup>

Universidade Federal de Goiás

Renata Garcia<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Lei 10. 436 de 2002 no Brasil desencadeou mudanças na área educacional, política, linguística dentre outras e, desde então, vários trabalhos têm sido realizados com foco no ensino. Neste segmento, encontra-se a produção de dicionários e glossários de Libras como instrumentos complementares no ensino-aprendizagem dessa língua. Este artigo tem como objetivo principal refletir e discutir sobre os desafios e avanços linguísticos, salientando a modalidade visual-espacial da língua, que vem sendo encontrados nessas produções no decorrer dos anos. Os principais teóricos que sustentam as discussões reflexivas são Faulstich (2010, 2011, 2012, 2016), Quadros e Karnopp (2004), Sofiato e Reily (2013) e Barros (2004). A metodologia da pesquisa ocorreu a partir da investigação e análise de três dicionários, sendo: dois dicionários impressos e um virtual, de domínio público. Teve como principais resultados a persistência da não retratação/representação exata da produção dinâmica real tridimensional dos sinais propostos em dois desses dicionários; a falta de informações linguísticas (abordando macro e microestrutura) pertinentes que caracterizam uma estrutura adequada mínima de um dicionário, mas, em contrapartida, notou-se, na pesquisa complementar, o aumento de pesquisadores surdos e ouvintes na área de lexicologia resultando numa crescente produção coerente de glossários virtuais favorecidos pelos avanços tecnológicos nos tempos atuais. Tais avanços parecem retratar uma preferência pelo público, usuário da Libras, por esses tipos de glossários, talvez pelo fácil e rápido acesso, assim como por abordarem áreas mais específicas de sinais e clareza na produção adequada dos sinais neles contidos.

**Palavras-chave:** Dicionários de Libras; Ensino-aprendizagem da Libras; Segunda Língua

**Abstract:** The recognition of the Brazilian Sign Language (Libras) by Law 10. 436 of 2002 in Brazil triggered changes in the educational, political, linguistic areas, among others, and since then, several works have been carried out with a focus on teaching. In this segment, there is the production of Libras dictionaries and glossaries as complementary tools in the teaching-learning of that language. This article's main objective is to reflect and discuss linguistic challenges and advances, highlighting the visual-spatial modality of the language, which has been found in these productions over the years. Somebody famous persons who support the reflective discussions are Faulstich (2010, 2011, 2012, 2016), Quadros and Karnopp (2004), Sofiato and Reily (2013) and Barros (2004). The research methodology was based on the investigation and analysis of three dictionaries, being: two printed dictionaries and one virtual, in the public

<sup>1</sup> Doutora Linguística pela Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Doutora na Universidade de Brasília.

domain. Its main results were the persistence of the retraction / exact representation of the actual dynamic production of three-dimensional signs proposed in two of these dictionaries; the lack of pertinent linguistic information (addressing macro and microstructure) that characterizes a minimum adequate structure of a dictionary, but, on the other hand, it was noted, in the complementary research, the increase of deaf and hearing researchers in the area of lexicology resulting in an increasing production consistency of virtual glossaries favored by technological advances in the present times. Such advances seem to portray a preference for the public, a user of Libras, for these types of glossaries, perhaps for easy and quick access, as well as for addressing more specific areas of signs and clarity in the proper production of the signs contained there in.

**Keywords:** Libras Dictionaries; Teaching-learning of Libras; Second language

**Submetido em 10 de outubro de 2020.**

**Aprovado em 16 de dezembro de 2020.**

## **Introdução**

Após o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como uma língua com própria estrutura linguística e usufruída por pessoas fluentes nesta língua para interagirem e comunicarem entre si e com a sociedade pela Lei 10.436/2002 têm-se notado avanços em pesquisa linguística referente a esta língua, no que tange a relação existente entre surdez, surdo e a Libras em si. (QUADROS e KARNOPP, 2004)

Este reconhecimento desencadeou reformas políticas, educacionais e linguísticas, dos quais vêm se destacando a necessidade de dissipação dessa língua pelo território brasileiro associada ao conhecimento estrutural e funcional de seu riquíssimo sistema linguístico pela sociedade. Porém, junto à essa necessidade, várias dificuldades foram surgindo no decorrer dos anos, tais como: (1) falta de léxicos (sinais) para terminologias específicas em algumas áreas de conhecimento, envolvendo a educação de surdos, (2) a incontrolada criação momentânea de sinais-termos, entre os usuários dessa língua (surdos e ouvintes fluentes em Libras), apenas para comunicação interativa local sem uma preocupação linguística (in)formal no processo de dissipação destes para outras comunidades pelo Brasil e (3) falta de instrumentos linguísticos formais e adequados, validados e reconhecidos na literatura, para ensino-aprendizagem desta língua (tanto para ouvintes como segunda língua – L2, como para surdos pensada na primeira língua - L1).

No entanto, mesmo antes desse reconhecimento como língua com estrutura linguística própria, há décadas a Libras vinha ganhando espaço entre comunidades locais através da sua prática comunicativa entre surdos e ouvintes que frequentavam as

mesmas igrejas. Nestes ambientes religiosos era comum o cultivo informal do ensino-aprendizagem dessa língua a interessados.

Pensando nesta lógica histórica, do uso e disseminação da Libras em épocas distintas, as dificuldades encontradas ainda seriam as mesmas? Que estratégias ou instrumentos formais e/ou informais eram utilizados para a concretização referente a este ensino-aprendizagem? Enfim, quais eram os desafios encontrados? E quais avanços que demarcaram historicamente esse uso, ensino-aprendizagem e disseminação descritos pela literatura sobre isso?

Apesar dos questionamentos, os avanços tecnológicos, articulados às pesquisas linguísticas acima mencionadas, podem ser vistos como provável influência na superação de algumas dessas dificuldades, principalmente por intermédio da criação de dicionários e glossários com foco na Libras. Mas, o que pode ser dito referente a esses “instrumentos” a partir dos conhecimentos científicos específicos dessa área existentes na literatura, isto é, são eficientes em sua estrutura organizacional e suprem por completo as necessidades de seu público alvo? Aliás, qual seria esse público? E ainda, uma vez levando em conta a modalidade visual-espacial da Libras na qual se concretiza de forma tridimensional, os dicionários e glossários existentes conseguem suprir/representar adequadamente essa estrutura sem perda de elementos linguísticos consideráveis?

Os objetivos do artigo são: (1) descrever possíveis desafios e avanços referente à construção de dicionários de Libras nos dias atuais; (2) identificar e descrever os critérios existentes na constituição dos mesmos; e (3) verificar e relatar os possíveis aspectos linguísticos e conceituais apropriados capazes de representar funcionalmente a Libras para o público alvo selecionado.

Para tanto, a estrutura do artigo está organizada da seguinte forma: uma introdução apresentando a problemática envolvida e os objetivos do artigo; um segundo item mostrando a fundamentação teórica; terceiro item contendo a descrição da metodologia utilizada para a construção desse artigo de pesquisa seguido da apresentação dos dados e resultados obtidos; quarto item discutindo, em forma de relatório, esses resultados encontrados a luz da literatura teórica apresentada e, por fim, o quinto item apresentando as considerações finais.

## 1. Fundamentação teórica: concepções básicas sobre dicionários e glossários de línguas

Os dicionários e glossários de línguas podem ser entendidos como um tipo de gênero literário que apresenta, em suas estruturas, os léxicos (palavras/sinais) que constituem uma determinada língua. Geralmente são apresentados em ordem alfabética, mas, dependendo do objetivo e forma como a língua sistêmica é culturalmente usufruída, podem, também, serem organizados, semanticamente, por categorias.

Cada léxico pode vir acompanhado de um termo conceitual além de informações complementares que identificam seu valor gramatical, semântico etc. tais como: sinônimos, classe gramatical, gênero, divisão silábica, sílaba tônica dentre outras.

Os dicionários são compostos por uma macroestrutura e microestrutura. Sobre a microestrutura, Faulstich (2010, p. 169) explica que “é formada pelo conjunto de informações que compõem os verbetes; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada.”

A primeira se refere a informações gerais pertinentes, tais como: título da obra, autor, editora, data, local de publicação, volume(s) e epígrafe, que descreve como usar, da maneira adequada o dicionário produzido. Já a segunda, microestrutura, é constituída por *verbetes*, conhecidos como uma palavra (entrada) elencada na obra. “Em cada unidade de verbete, o autor reúne as informações de gramática e de léxico que descrevem a entrada, de forma que o leitor tenha, naquela estrutura mínima, o máximo de informação.” (FAULSTICH, 2011 p. 191).

Na produção de dicionários ou glossários de uma língua essas informações de macro e microestrutura são essenciais, assim como o conhecimento do público alvo (faixa etária, necessidades, importância etc.) perante o qual se destina esta obra e os objetivos da mesma.

A arte de produção e estudo crítico dos dicionários corresponde a área da lexicografia que, segundo Biderman (2001) busca descrever o léxico constituinte de uma língua. De uma forma geral, a lexicografia é definida como o estudo científico do léxico, cuja unidade padrão é a unidade lexical. (BARROS, 2004)

Há vários tipos de dicionários, cada qual possui uma especificidade, tais como: fins educativos/escolares, ensino-aprendizagem de língua, consulta terminológica etc.

Em geral, podem ser: dicionário analógicos, dicionários enciclopédicos, etimológicos, temáticos, monolíngues, bilíngues, trilíngues etc. Além disso, podem ser impressos (mais convencionais e variam na espessura e tamanho) ou eletrônicos (encontrados em DVD's ou disponibilizados na internet ou em aplicativo).

Os glossários, por sua vez, podem ser entendidos como dicionários com terminologias específicas de uma área e cujo termo, definido como uma unidade lexical ou palavra, consiste em seu objeto de estudo. (BARROS, 2004 p.40)

Barros (2004 p. 63) ainda acrescenta que “a Terminologia elabora vocabulários (dicionários) especializados e a Lexicografia, dicionários de língua ou especiais”. Assim, esses dicionários com terminologias específicas abrigam termos técnicos num contexto mais específico e próprios de uma determinada área, como os glossários de linguística, de fonoaudiologia etc. que geralmente não são utilizados pelo público em geral, mas, sim, conhecedores e/ou atuantes nessa área. Como exemplo, há glossários virtuais de universidades que ofertam o curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras: Libras, como no caso da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC com termos específicos dessa área.

De acordo com Faulstich (2012, p.1) o termo é descrito como a “palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos das áreas especializadas do conhecimento e do saber”. Assim como o termo é a unidade padrão nos dicionários especializados, nos dicionários e glossários terminológicos de língua de sinais.

Segundo Faulstich (2016, p.5), sinal-termo é:

**1** – Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. **2** – Termo criado para na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. **3** – Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira.

Após vários estudos e pesquisas na área de lexicografia, terminologia e terminografia, Faulstich apresenta uma proposta avaliativa de dicionários de grande valia na literatura e que vem sendo usufruído como instrumento norteador para a criação de dicionários. Tal instrumento será utilizado neste artigo como base para análise do corpus selecionado, descrito na metodologia, e de discussão reflexiva sobre o tema aqui

discutido.

## **2. Produções de dicionários de Libras**

A produção de dicionários de Libras está intrinsicamente articulada aos momentos históricos pelos quais a comunidade surda percorreu em meio às suas lutas, avanços e conquistas. Isto remete a um retorno abrupto no tempo em que o surdo era considerado incapaz e não participante da sociedade, assim como os demais deficientes na sociedade.

Na idade média, a igreja com seus mosteiros, tinha um papel assistencialista relevante e eram os únicos locais de “refúgio” desse público, acima citado. Porém, pela busca de comunicação/interação com os surdos, uma linguagem comum se fazia necessária e desta surgiram os primeiros registros gráficos de sinais.

Sofiato e Reily (2013), cita esses primeiros manuscritos monásticos sendo: o *Monasteriales Indicia*, de autoria do Venerável Bede que foi escrito no século X; o *Thesaurus Artificiosae Memororiae*, do monge franciscano de Florença, publicado após sua morte, em 1679 e a obra *De Furtivis Literarum Notis*, do italiano Giovanni Battista della Porta, publicada em 1563 e a pequena obra do frade franciscano espanhol Fray Melchior de Yeba, publicada postumamente.

Do contexto religioso os sinais monásticos migraram para o contexto educacional de surdos, porém não há registros na literatura que explicam essa mudança. As primeiras publicações de alfabeto manual usado na educação dos surdos foram realizadas por Pedro Ponce de León (1520-1584) na Espanha, repassada por Juan Pablo Bonet (1620) e, posteriormente utilizada pelo abade Charles Michel de L'Épée, em Paris. Chegou ao Brasil, por intermédio de Ernest Huet, em meados do século XIX. No Congresso de Milão, 1880 na Itália, dicionários sinalizados perdem força com a proibição do uso de sinais na educação de surdos.

Como se vê, por séculos esses tipos de obras permaneceram nos mosteiros estendendo-se até décadas passadas, mas na forma de apostilas para ensino-aprendizagem de sinais e não necessariamente contendo, além dos sinais, conceitos, descrições gramaticais e etc.

No Brasil, o primeiro documento a surgir foi denominado *Iconografia dos*

signaes dos surdos-mudos, na cidade do Rio de Janeiro em 1875. Seu autor, Flausino da Gama, era um estudante surdo do então Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, conhecido atualmente como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Na produção dessa obra utilizou-se a litografia, ou litogravura (técnica de gravura feita sobre uma pedra calcária com o auxílio de um lápis gorduroso), 382 verbetes ilustrados compunham o conteúdo dessa obra. Contudo, segundo as autoras, tal obra era uma cópia de uma outra, produzida pelo professor francês do referido Instituto, chamado Pélissier. (SOFIATO E REILY, 2013)

Em 1969 foi publicado o segundo dicionário de Libras aqui no Brasil, intitulado *Linguagem das Mãos* na autoria de Eugênio Oates. Essa obra sofreu influência da Língua de Sinais Americana (ASL).

Após isso, segundo as autoras acima citadas, isto é, Sofiato e Reily (2013), vários dicionários de Libras foram surgindo no decorrer dos anos, mas, cinco se destacaram pela sua influência na literatura e renomada autoria que são: o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue: língua de sinais brasileira* (volumes I e II), de Fernando César Capovilla e Walkíria Duarte Raphael, de 2001; o *Dicionário ‘Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira’* (volumes I: sinais de A-H e volume II: sinais de I–Z), de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Mauricio, de 2009; o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos* (volumes de A à Z: volume 1 com sinais de A a D, volume 2 com sinais de E a O e volume 3 com sinais de P a Z), de Fernando César Capovilla; Walkiria Duarte Raphael; Janice Gonçalves Temoteo; Antonielle Cantarelli Martins, de 2017, o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais Versão 2.0* no INES, cujos autores são Guilherme de Azambuja Lira e Tânia Amara Felipe de Souza. Este dicionário pode ser acessado pelo endereço eletrônico < [http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main\\_site/libras.htm](http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm)> e foi criado em 2005; o *Livro ilustrado de língua de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*, de Márcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco, publicado em 2009.

Com a crescente expansão dos cursos superiores na área de Letras:Libras, notou-se um aumento acentuado de criação de dicionários e glossários virtuais. Apesar disso, Sofiato e Reily (2013) destaca uma preferência dos usuários dessa língua pelo formato impresso, mesmo sendo estes de grande espessura e peso.

Inclusive em 2006, foi desenvolvida outra produção virtual, Glossário Letras/Libras da UFSC, para auxiliar não só no processo ensino-aprendizagem dos alunos dos cursos ofertados a distância, mas, também, na educação dos surdos e consulta constante para intérpretes de Libras. Esse glossário foi criado em 2006, sob a supervisão da professora surda Marianne Stumpf e pode ser acessado no endereço eletrônico < <http://glossario.libras.ufsc.br/letraslibras>>.

Apesar da expansão na criação diversificada de dicionários e glossários de Libras, isto é, impressos e virtuais, e facilidade de acesso deste último, grupos virtuais criados em aplicativos telefônicos como Whatsapp, contendo profissionais da área de Libras (docentes e tradutores/intérpretes), tem se mostrado, também, eficazes na troca de experiências de sinais regionais e em discussões linguísticas aprofundadas na criação de novos léxicos na Libras.

Assim sendo, são notáveis os avanços referentes à produção de dicionários ou outro material, com fins similares, e as influências e condições ambientais, políticas, educacionais e tecnológicas na criação destes. Apesar disso, se faz necessário investigar mais a fundo suas eficácias, referente aos objetivos pelos quais foram criados, e, principalmente, ao público alvo para os quais foram criados.

### **3. Metodologia**

Para cumprir com os objetivos propostos da pesquisa utilizou-se a metodologia de abordagem quantitativa.

Teve como instrumentos de formação de dados a comparação estrutural e imagética de diferentes propostas de dicionários, glossários, impressos e digitais para serem analisados e descritos ao final, obtendo um resultado palpável de estes dicionários e glossários foram organizados e são apresentados, atualmente, para o público usuário de Libras e futuros aprendizes desta língua, uma vez vistos como possíveis instrumentos de aprendizagem.

Embora a pesquisa apresente um quadro teórico delimitado, objetivos de pesquisa claros e princípios subjacentes à construção do conhecimento científico, ela permite a utilização de diferentes instrumentos e de mudanças no percurso, quando a pesquisa de campo e o contexto da pesquisa exigirem – neste sentido, o pesquisador torna-se o principal instrumento; há tendência a descrição; mais interesse pelos

processos do que pelos resultados ou produtos; análise indutiva de dados; foco no significado. Também, o processo analítico é interpretativo e, baseado nas especificidades do contexto, o julgamento da pesquisa acontece com base na descrição dos dados obtidos pelo pesquisador. Logo, se torna pertinente para análise da complexidade interna da categoria linguística que se pretende investigar à diversidade cultural em que está inserida, à histórica e à social das populações envolvidas.

Assim, os instrumentos utilizados na pesquisa comparativa foram: um dicionário virtual de acesso público conhecido como o Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira (volumes I e II), de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael, de 2001; o Dicionário ‘Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira’ (volumes I: sinais de A-H e volume II: sinais de I –Z) , de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Mauricio, de 2009; o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos (volumes de A à Z: volume 1 com sinais de A a D, volume 2 com sinais de E a O e volume 3 com sinais de P a Z), de Fernando César Capovilla; Walkiria Duarte Raphael; Janice Gonçalves Temoteo; Antonielle Cantarelli Martins, de 2017, o Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais Versão 2.0 no INES, cujos autores são Guilherme de Azambuja Lira e Tânia Amara Felipe de Souza. Este dicionário pode ser acessado pelo endereço eletrônico <[http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main\\_site/libras.htm](http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm)> criado em 2005.

A escolha dos dicionários ocorreu pensando numa perspectiva contrastiva entre dados obtidos de dicionários impressos e virtuais, mais recentes, dispostos na literatura e de fácil acesso ao público, falantes de Libras ou aprendizes dessa língua.

A partir desse contraste, os resultados obtidos foram dispostos de forma a permitir ao leitor traçar um perfil comparativo com os primeiros dicionários libras que foram produzidos e apresentados pela literatura até o momento e que foram abordados, anteriormente, no desenvolvimento teórico desse artigo.

Assim sendo, no primeiro momento foi realizado um levantamento teórico sobre o tema da pesquisa, discorrido nesse artigo, disponível na literatura atual. Este levantamento permitiu atualizar e complementar conhecimentos pertinentes para uma posterior discussão reflexiva coletiva e que foi disposta ao final do artigo.

No segundo momento foi feita uma observação minuciosa da estrutura linguística dos três (3) dicionários, separadamente, dos quais foram retirados dados

importantes sobre seus conteúdos. Esses dados foram sendo levantados a partir do modelo de questionário produzido especialmente para análise dos mesmos, criado pela autora Faulstich (2014) e pode ser apreciado em sua obra.

No terceiro momento, após o levantamento de dados no questionário, houve uma descrição objetiva dos resultados obtidos a partir dos dados e que, posteriormente, foram analisados sob a luz da teoria estudada.

No quarto momento, após análise, sucedeu-se uma discussão reflexiva pertinente que gerou um relatório descritivo apresentando as conclusões e/ou considerações finais obtidas a partir dos conhecimentos adquiridos com as investigações/pesquisas feitas possibilitando novas percepções sobre o tema da pesquisa do artigo em questão.

#### **4. Resultados e discussão**

Sobre o dicionário virtual “Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais- INES”, do Rio de Janeiro, foi possível perceber que se trata de um dicionário digital bilíngue, pois, apresenta sinais da Libras, ilustrado em imagens, e escrita conceitual desses sinais em Língua Portuguesa (LP).

Notou-se que essa obra, isto é, esse dicionário, se diferencia de dicionários digitais de línguas orais em que, geralmente, encontramos descrições conceituais, sinonímias, classe gramatical na qual a palavra-termo se remete etc. Já o dicionário virtual de Libras mostra os vocabulários digitais em LP como as palavras, as acepções, os assuntos, as classes gramaticais, as origens e, também, mostram os vídeos em Libras, pesquisada pelos próprios autores, professores do Rio de Janeiro formados em artes. Interessante que como se trata de uma obra local, tende a apresentar sinais locais regionais, nem sempre utilizados em outras regiões como Goiás, Distrito Federal etc. conforme mostra a figura 1 abaixo:

**Figura 1.** Ilustração do Dicionário Digital de Língua Brasileira de Sinais – INES

**LIBRAS** Dicionário da Língua Brasileira de Sinais  
versão 2.1 - web - 2008

Ordem: Alfabética | Por Assunto | Mão | Busca

Assuntos: [ ]

Palavras: A, À VISTA, À-TODA, ABACATE, **ABACAXI**, ABAFAR, ABAIXO, ABAIXO-ASSINADO, ABAJUR

Acepção: Fruta de casca grossa e áspera. Sua polpa pode ser consumida pura, em forma de sucos, doces e sorvetes.

Vídeo: [Video of a person signing]

Exemplo: Hoje tomei suco de abacaxi, ele estava ácido.

Exemplo Libras: HOJE S-U-C-O ABACAXI BEBER ÁCID@.

Classe Gramatical: SUBSTANTIVO

Origem: nacional

Mão: [Hand sign]

Acessibilidade Brasil  
www.acessobrasil.org.br

créditos • concepção e metodologia • libras em cd

Fonte: [www.acessobrasil.org.br](http://www.acessobrasil.org.br)

Portanto, por exemplo, se um aprendiz ou falante de Libras quiser remeter ao sinal de 'ABACAXI' no dicionário virtual encontrará um quadrante contendo o vídeo ilustrando como o sinal é produzido; outro quadrante mostrando um exemplo frasal de como pode ser usado quando contextualizado em uma frase na LP e outro quadrante contendo frase contextualizada em Libras; origem do sinal; classe gramatical a que pertence; acepção e configuração de mão utilizada na produção do sinal.

Por meio do inventário de dicionário digital bilíngue realizado, devemos comparar entre o dicionário impresso e o dicionário digital utilizando a Libras/LP através de algumas técnicas ou científicas. As obras de dicionários locais mostram sinais usados por falantes de Libras na região local somente e, geralmente, não mostram as prováveis variações linguísticas de outras regionais. Essa amostragem de variações é necessária, pois, alguns ouvintes brasileiros não conhecem sinais usados pela comunidade surda da cidade de Rio de Janeiro e podem, portanto, se confundirem usando-o de forma errada em local errado desencadeando mal interpretação e interação comunicativa.

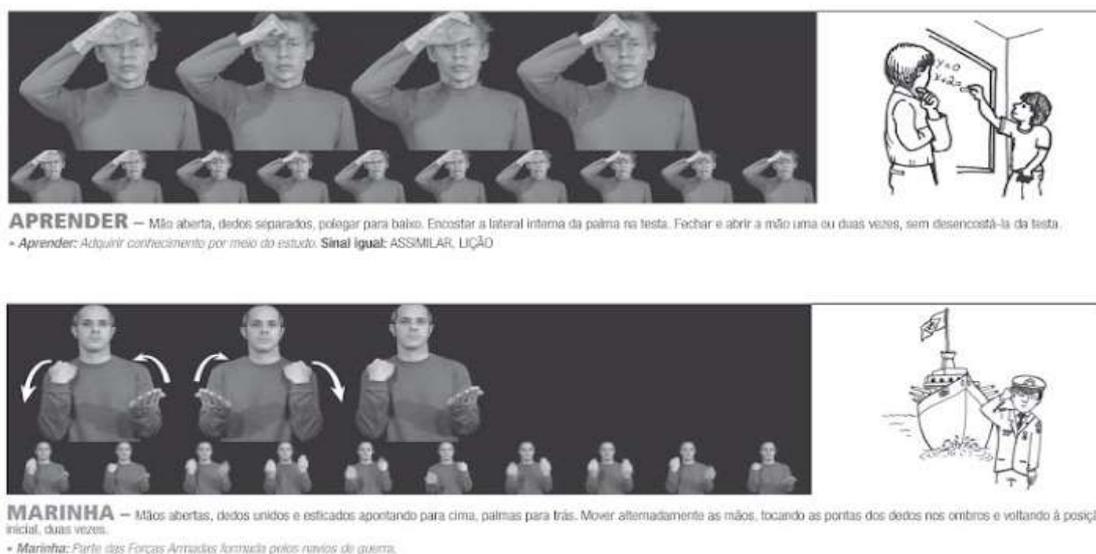
As pesquisas apresentadas os sinais com os possíveis usos de acepções e como são usados em contextos diversos, seria a aprendizagem dos sinais em seus usos cotidianos e de forma contextualizada. A organização do dicionário apresenta os verbetes que já criaram frases em Português e Libras para exemplificarem os sinais em

contexto. De acordo com Faulstich, ao se criar um dicionário, no caso de Libras, se deve utilizar os sinais em contextos apropriados, ajudando a identificação da acepção. Para muitos verbetes o exemplo em português corresponde ao exemplo em Libras devido ao fato de se tratarem de duas línguas: Libras e LP.

Percebemos que o dicionário digital bilíngue deverá modificar um pouco mais pois, as pessoas ouvintes brasileiras utilizam do dicionário digital bilíngue e devem ser confusas a aprenderem os sinais sem contexto de conversação.

O dicionário impresso “Dicionário ilustrado de Libras” da autora Flávia Brandão, produzido e editado em 2011, possui 3.212 sinais acompanhados de seus significados em português escrito e da explicação detalhada de como os sinais são executados, conforme mostra a figura 2 abaixo:

**Figura 2.** Exemplo de imagem do Dicionário ilustrado de Libras da autora Flávia Brandão



**Fonte:** BRANDÃO (2011)

Na figura 2, mostra os sinais “APRENDER” e o sinal “MARINHA”. Nota-se uma preocupação visual em mostrar o passo-a-passo de como os sinais são produzidos a partir de um recorte sequencial de imagens fotográficas. Ao lado, há um quadrante contendo um exemplo de outra imagem, ou seja, um desenho contextualizado

remetendo-se ao sinal e o verbete em LP que aparece logo abaixo das duas imagens.

Interessante que na parte escrita em LP, há apenas um breve conceito, inclusive disposto em fonte menor (quase imperceptível) do que seriam as palavras-termo, mas não há disposição de classe gramatical a qual pertencem e nem outras informações pertinentes. Há também, a frente do verbete, uma descrição, em LP, de como o sinal é produzido.

Quanto ao dicionário impresso em formato de livro produzido por Flávia Brandão, há uma breve descrição de alguns itens como: arquivo pessoal da autora, formada em Artes; objetivo do dicionário que, segundo a autora, está voltado para disseminação dos significados dos sinais que compõe a Libras e a forma como são executados; o público alvo voltado para adultos. Não há uma descrição clara de como o dicionário pode ser utilizado. Logo, percebe-se uma insuficiência de dados, tanto na macroestrutura como microestrutura, que o caracterizaria e o valida como um dicionário de acordo com a literatura vigente referente à área de lexicologia e lexicografia.

O mesmo, também, pode ser dito sobre o outro dicionário impresso “Mini dicionário ilustrado de Libras - SAT Serviço de Ajudas Técnicas” do Rio Grande do Sul disponível no endereço eletrônico <[http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario\\_Libras\\_CAS\\_FADERS1.pdf](http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf)> e produzido no ano de 2010. Conforme mostra a figura 3 abaixo, nota-se uma insuficiência de dados da macro e microestrutura de um dicionário.

**Figura 3.** Exemplo de imagem retirada do Mini dicionário ilustrado de Libras – SAT Serviço de Ajudas Técnicas.



**Fonte:** [http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario\\_Libras\\_CAS\\_FADERS1.pdf](http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf)

A figura 3 mostra uma insuficiência de dados ainda maior mostrando apenas a imagem fotográfica, não sequencial, de como os sinais são executados de forma isolada, não havendo preocupação com uma apresentação de sinais mais contextualizados. A ideia transmitida é a de ser uma apostila usufruída por aprendizes da língua. Porém, a não contextualização dos sinais pode gerar uma confusão de como e quando utilizá-los adequadamente. Além disso, a ausência conceitual de verbetes agrava ainda mais o quadro apresentado.

### **Considerações finais**

A partir da análise dos resultados obtidos, sob a luz da teoria estudada, é possível relatar que, referente a construção de dicionários de Libras nos dias atuais, alguns autores ainda persistem com foco na apresentação visual da execução dos sinais-termo, tanto em dicionários impressos como virtuais. É provável que isso ocorra devido a modalidade diferenciada da Língua de Sinais que é visual-espacial.

Porém, um dos maiores desafios, nessas apresentações, é a não retratação/representação exata da produção dinâmica real tridimensional do sinal-termo quando exposta nesses dicionários. Inclusive, quando essa apresentação é mostrada em forma de vídeos nos dicionários virtuais, são mais claras para aprendizes e consultores da Libras (tradutores/intérpretes de Libras, instrutores surdos etc.). Já nos dicionários impressos, as apresentações sequenciais dos sinais em fotos podem induzir a erros e/ou dúvidas na execução correta dos mesmos, não sendo uma boa opção para consultas, dependendo da finalidade para a qual esse dicionário for destinado.

Além disso, a falta de informações complementares como: a não colocação de conceitos ou significados, sinônimos, classe gramatical a que pertence e exemplos contextualizados desses sinais, que demarcariam uma estrutura de característica própria de um dicionário reduzem sua funcionalidade linguística, isto é, privam seus usuários de informações importantes referente ao entendimento do léxico da língua e inclusive, devido a isto, limitar o público alvo para o qual o dicionário foi destinado.

Por um lado, se ainda há uma “tradição visual” na produção desses dicionários, nem sempre benéficas aos usuários e aprendizes da língua, por outro, com os avanços tecnológicos, nota-se um aumento e eficácia na produção de dicionários e glossários

virtuais de Libras, com sinais de terminologias mais específicas (por área), acrescidas de informações linguísticas mais pertinentes para esses usuários e aprendizes facilitando não somente seus acessos rápidos à essas informações mas a dissipação das mesmas para além das fronteiras regionais permitindo troca rápida de conhecimentos sobre essa língua.

Pode-se dizer que este avanço, associado à modernidade tecnológica, também tem ocorrido graças ao aumento na procura e acesso de ouvintes e, principalmente, de surdos na área de pesquisa relacionada à lexicologia. Estes avanços têm enriquecido, motivado e contribuído para estudos mais profundos na área de linguística da língua de sinal.

## Referências

BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. *Terminologia e Lexicografia*. In: Trad Term, 7, 2001, p. 153-181, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147>>. Acesso em 30 fevereiro de 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto – Portugal. Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, F. *Dicionário Ilustrado de Libras - Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: Global, 2011.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras e dá outras providências*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: 30 fevereiro 2019.

CAPOVILLA, C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C.. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos - 3 Volumes*. Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Volume II. Sinais de M a Z. 2.Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D.; MAURICIO, A. C. L. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. . Volume II. Sinais de I a Z. 2.Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.Inep: CNPq:

Capes, 2009.

CLÁUDIO, J. P.; ABREU, L. S.; RODRIGUES, P. S. et al. *Mini dicionário de Libras SAT – Serviço de Ajudas Técnicas. CAS/RS*. Fundação de Articulação de políticas públicas para pessoas com deficiência e altas habilidades do Rio Grande do Sul – FADERS. Porto Alegre, 2010.

FAULSTICH, E. *Glossário sistêmico de léxico terminológico para pesquisadores surdos*. Brasília. Centro Lexterm, 2012. Em elaboração.

\_\_\_\_\_. *Para gostar de ler um dicionário*. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et alli (Org.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão*. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

\_\_\_\_\_. *Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica*, Organon, Porto Alegre, nº 50, janeiro-junho, 2011. p. 181-220. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28346/16994>>. Acesso em: 02 fevereiro 2020.

\_\_\_\_\_. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ISQUERDO, A. N; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, Vol. VII*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

\_\_\_\_\_. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na LSB. In: *Léxico e suas Interfaces: Descrição, Reflexão e Ensino*. 1. Ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2016.

HARRÉ, R.; GILLET, G. *A mente discursiva: os avanços na ciência cognitiva* (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artmed. 1999.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./sep.1993.

OLIVEIRA, J. S. e STUMPF, M. R. *Desenvolvimento de glossários de Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras-Libras. Informática na Educação: teoria e prática – Porto Alegre*, v. 16, n.2, jul/dez. 2013.

OLIVEIRA, J. S. *Glossário Letras-Libras como Formação/Consulta de Tradutores – II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira*, UFSC, 2010. Disponível em <<http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010/Janine%20Soares%20de%20Oliveira.pdf>> . Acesso em 16 mai 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. ArtMed. Porto Alegre. 2004.

SOFIATO, C. G., REILY, L. Dicionários e manuais de língua de sinais – análise crítica das imagens pp. 149 – 160 in LACERDA, C. B. F., SANTOS, L. F. (Org.), *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2013.